

Fantasmas e sonhos de modernidade: O Piauí e a retórica da integração nacional (1970-1975)¹

Ghosts and dreams of modernity: Piauí and the rhetoric of national integration (1970-1975)

Jônatas Lincoln Rocha Franco²
Francisco Alcides do Nascimento³

Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla que relaciona o Piauí e os processos de modernização que ocorreram no estado, especialmente, na cidade de Teresina (PI), durante a década de 1970. Neste período, a capital experimentou em sua malha urbana, intervenções espaciais resultantes dos projetos de integração nacional e dos desejos do chefe do poder executivo local Alberto Tavares Silva, com os ideais desenvolvimentistas vigentes no país. Os discursos produzidos pelos jornais da época sobre a cidade são tomados como suporte para refletir sobre as conjunturas políticas e socioeconômicas. As fontes principais são alguns dos jornais que circulavam em sua materialidade pela cidade, como *O Estado* e *O Dia*, ambos do Piauí, e o *Correio da Manhã* e *O Estado de São Paulo*, do Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente. Teórica e metodologicamente, o texto se ampara em reflexões e categorias de autores como: Sandra Jatahy Pesavento, Tânia Regina de Luca, Roberto Lobato Corrêa e Adrián Gorelik.

Palavras-chave: Cidade; Modernização; Integração Nacional.

Abstract

This article is part of a broader research that relates Piauí and the modernization processes that take place in the state, especially in the city of Teresina (PI), during the 1970's. In this time, a capital experimented on urban region, space interference selected for national integration projects and the wishes of the head of local executive power, Alberto Tavares Silva, with the developmental force ideals in the country. The speeches examined by the newspapers of the time about the city are taken as a support to reflect on conjunctures and socioeconomic policies. The main sources are some of the newspapers that circulate in their materialness around the city, such as *O Estado (The State)* and *O Dia (The Day)*, both from Piauí, and *Correio da Manhã (Morning Post)* and *O Estado de São Paulo (The State of São Paulo)*, from Rio de Janeiro and São Paulo, respectively. Theoretical and methodological, the text compares reflections and categories of authors such as: Sandra Jatahy Pesavento, Tânia Regina de Luca, Roberto Lobato Corrêa and Adrián Gorelik.

Keywords: City; Modernization; National Integration.

Introdução

¹ Toma-se emprestado a ideia de integração nacional como retórica a partir da leitura do texto da historiadora Tamara Rangel Vieira e Nísia Trindade Lima. Ver mais: GORELIK, PEIXOTO, 2016. p. 250.

² Mestre em História do Brasil – PPGHB. Integra os GTs: Cidade, Tempo e Espaço; História das Ciências e da Saúde no Piauí – (SANA). E-mail: lincolnfranco1377@gmail.com

³ Doutor em História, professor do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – PPGHB. E-mail: falcidesufpi@gmail.com

Comparo o exercício de escrita da História a um viajante que chega em uma estação, compra seu bilhete, dirige-se a plataforma, adentra a um dos vagões, procura um lugar e passa a apreciar a viagem. Todavia, o esforço em viajar escrevendo História não é uma aventura corriqueira, não se reduz a uma busca por respostas nas paisagens dos retratos pretéritos. Quando o atento andarilho contempla através de sua janela os vestígios decorridos, as questões que o afligem costumeiramente são originadas pelo tempo em que vive. Assim sendo, como aponta Jacques Le Goff, mais do que apreciar uma viagem para contemplar o passado, o bom historiador é o que consegue “transformar seu presente vivido em reflexão histórica” (LE GOFF, 2001, p. 16).

A proposta desse texto é fazer um convite. Convidar o leitor para uma viagem que busca refletir como foi produzido esse presente vivido. O papel da imprensa é passível de observação, com ênfase no que se refere à construção de discursos sobre os diferentes temas que perpassam dimensões, como a política - em suas variadas extensões -, como a cultura, a economia, a cidade, entre outros elementos constitutivos do cotidiano social.

A imprensa, enquanto objeto de pesquisa histórica, vem se constituindo ao longo do tempo⁴. Toma-se como pretexto os jornais de ampla circulação, na materialidade dos periódicos que circulavam na urbe, a fim de obter retratos do cotidiano cidadão. Durante considerável período não houve aproximação entre história e imprensa, pois não era vista com bons olhos a construção de trabalhos oriundos dessa relação. Entendia-se que o historiador “deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo” (DE LUCA, 2011, p. 111).

Ao analisar as fontes hemerográficas encontradas no Arquivo Público do Estado do Piauí – (Casa Anísio Brito) ou na Hemeroteca Nacional, o que se desejou capturar foram os “registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões”, pois, entende-se que as produções discursivas veiculadas pelos

4 Para uma maior compreensão sobre os desafios epistemológicos da construção de uma história por meio dos periódicos ver: DE LUCA, 2015.

jornais auxiliam na elaboração de sentidos para o cotidiano (DE LUCA, 2011, p. 111). Se anteriormente a relação entre história e imprensa era marcada, sobretudo por receios dos intelectuais ligados a disciplina histórica que categorizavam as fontes produzidas pela imprensa enquanto “não confiáveis”, após a inauguração do que se convencionou chamar de História do Tempo Presente,⁵ essa junção se tornou profícua.

Cruz e Peixoto (2007) indicam que no tempo presente os historiadores incorporaram ao seu ofício a imprensa como sendo indispensável à realização de análises históricas, tanto como fontes, quanto como objeto. Essa conexão possibilita a elaboração de variados objetos históricos, como o trabalhado, de maneira resumida, neste texto. Para isso, toma-se trechos de reportagens de jornais, “por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas” (BLOCH, 2001, p. 54-55) com o desejo de perceber questões que envolvem os discursos de modernização no Piauí, da década de 1970 e como se interligavam a categorias como a política, a estrutura urbanística da cidade e de que maneira a imprensa da época publicitava esse processo.

Os discursos veiculados no dispositivo imprensa são relevantes para a escrita do texto, pois se enquadram como uma forma de representar as transformações do espaço urbano, experienciadas nesse período. As representações da cidade se revelam de forma variada, em especial pelas palavras, “escritas ou faladas”. Busca-se lidar com os referentes reais da Teresina da época, tendo em consideração que ela “corresponde a tantas outras cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem obra máxima do homem, obra está que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação” (PESAVENTO, 2007, p. 11).

Entre as representações e a realidade: Teresina e o fetiche moderno

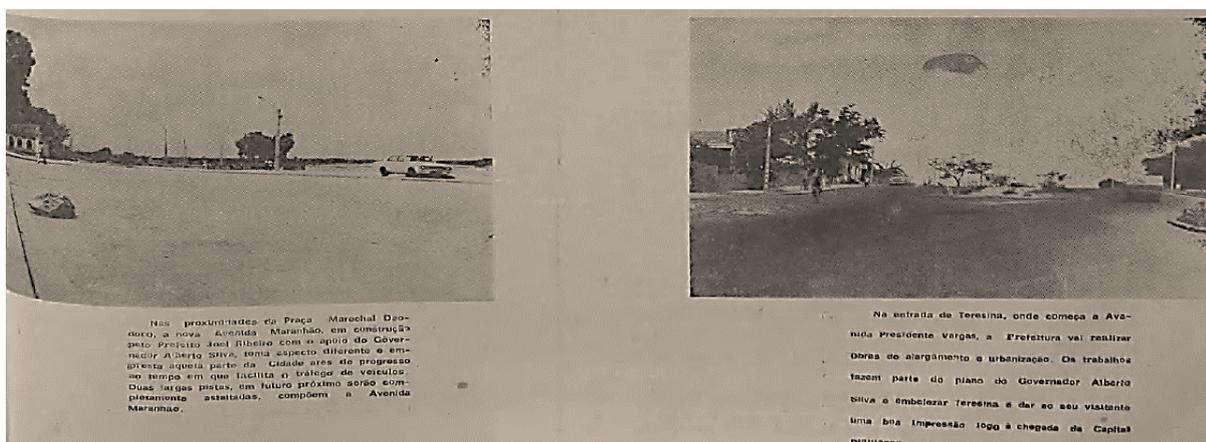


FIGURA 1: Teresina, 119 depois.
FONTE: Jornal *O Estado*. 18/08/1971, p. 5.

Fazendo menção aos 119 anos da transferência da capital da província do Piauí, de Oeiras para Teresina, a imagem escolhida para iniciar o tópico destaca o processo de modernização que o Piauí, com ênfase para a sua capital, estava experienciando naquele período, na perspectiva dos intelectuais ligados a imprensa. O artigo veiculado no jornal diário *O Estado*, no dia 18 de agosto de 1971, trouxe duas fotografias que buscavam destacar os “ares de progresso” nos espaços da cidade. Na primeira, “localizada nas proximidades da praça Marechal Deodoro” o articulista enaltece a relação do então prefeito Joel Ribeiro com o governador Alberto Silva. De acordo com a legenda, a construção da nova Avenida Maranhão “empresta aquela parte da cidade ares de progresso ao tempo que facilita o tráfego de veículos” (O ESTADO, 18/08/1971, p. 5).

Monte (2010) assinala em seu texto que durante a gestão do prefeito Joel da Silva Ribeiro (1971-1975) se deu prioridade a alterações no sistema viário urbano da capital, isso explicaria a construção da Avenida Maranhão. A historiadora ainda destaca que as construções dessas avenidas seguiam as diretrizes do Plano de Desenvolvimento Local Integrado – PDLI, que havia sido publicado em 1969. Para a autora, a partir das análises realizadas, a finalidade dessas alterações no sistema viário era:

[...] desafogar o trânsito do centro da cidade e proporcionar uma melhor fluidez ao tráfego de veículos. As obras foram iniciadas pelo Centro Cívico, com a Avenida Maranhão, que à época era composta por apenas duas quadras, uma em frente à Praça da Bandeira e a outra nas proximidades do cais do rio Parnaíba, em uma pista. O projeto para essa via de tráfego ia da ponte rodoferroviária João Luís Ferreira: a Ponte Metálica, que ligava Teresina a São Luís até a Avenida Joaquim Ribeiro, com duas pistas de rolamento (MONTE, 2010, p. 108).

No intuito de colocar o Piauí nos caminhos do desenvolvimento, após a década de 1950, deu-se início as tentativas de modernização da máquina pública, fundando autarquias estaduais como a *Centrais Elétricas do Piauí S.A* (CEPISA), *Telecomunicações do Piauí S.A* (TELEPISA), *Águas e Esgotos do Piauí S.A* (AGESPISA), entre outras. A cidade que antes era “pequena, pessimamente iluminada, possuía um deficiente e precário serviço de abastecimento d’água e não dispõe de asfalto, esgoto sanitário ou sistema de comunicação” (NASCIMENTO, 2007, p. 197), passaria por mudanças durante esses anos, ao menos, no imaginário de sujeitos como o governador Alberto Tavares Silva. O espaço urbano tornava-se palco de transformações que modificariam o seu perfil: de uma Teresina que era o retrato da pobreza e do atraso, para uma “capital moderna e desenvolvida” (O ESTADO, 18/08/1971, p. 5).

Adrián Gorelik (2005) aponta que entre o início da década de 1950 e o final da década de 1970, houve condições especiais que se articularam para a produção de uma nova categoria nos estudos sobre o espaço urbano: “*a cidade latino-americana*”. O autor acentua que foi durante o referido recorte temporal que essas cidades “[...] funcionaram como uma verdadeira bomba de sucção para uma série de figuras, disciplinas e instituições que estavam conformando o novo mapa intelectual, acadêmico e político do pensamento social latino-americano, em um de seus episódios mais ricos e produtivos” (GORELIK, 2005, p. 115). Tomamos essa categoria para pensar o objeto de estudo. Teresina seria uma capital que se enquadraria enquanto uma “cidade latino-americana”, conforme teorizado por Gorelik?

Nesse sentido, a “cidade latino-americana” (como categoria de pensamento e como realidade urbana, social e cultural) não apenas ilumina aspectos pouco conhecidos desse período, como confere a eles nova inteligibilidade, oferecendo pistas de seus percursos, assinalando as instituições criadas, suas redes intelectuais e seus projetos de intervenção, como parte de um projeto histórico completo e coerente, no interior do qual talvez tenha sido formulada, com maior intensidade, a ideia de América Latina como “projeto”, para retomar a formulação de Rama, um protagonista destacado desse ciclo. A “cidade latino-americana” poderia ser pensada, assim, como a peça faltante que permite entender todo esse período como um “ciclo” da imaginação social latino-americana, um ciclo que descreve um arco completo de posições: desde o

otimismo modernizador da planificação até sua inversão crítica radical (GORELIK, 2005, p. 117).

Pode-se pensar Teresina a partir do conceito de “cidade latino-americana”, não só pela sua localização geográfica, mas pelas características que a definem. Uma vez que, é a partir de análises em torno dela, com ênfase para os projetos de intervenção em sua malha urbana nesse extrato temporal, que se busca da inteligibilidade, por meio da pesquisa histórica, a contextos políticos e sociais, ou seja, a cidade passa a funcionar como uma peça que autoriza a criação de notas explicativas para a compreensão de ciclos. Conforme experienciado no Brasil da época: o ciclo desenvolvimentista, influenciado, especialmente, por ideais de integração nacional e por um “otimismo modernizador”.

Dentro desse contexto, Lima e Vieira (2016) acentuam que a construção de outra cidade moderna no sertão, representaria parte significativa da proposta desenvolvimentista que circulava o imaginário nacional desde meados dos anos 1950. A cidade funcionaria como um “projeto”. A edificação de uma nova capital para o país significaria, naqueles termos, a maior manifestação da capacidade de delinear o futuro, além de fortalecer o imaginário construído em torno de categorias como: integração nacional e desenvolvimentismo. Isto posto, a classe política e intelectual do Piauí se esforçaria para colocar o estado na rota do progresso.

Teresina foi projetada para ser uma urbe moderna. Teria a incumbência de atestar o progresso que o Estado experimentava desde a transferência da capital da província, ainda em 1852, “o seu traçado urbano desenvolveu-se, inicialmente, dentro de um plano rígido estabelecido em xadrez” (NASCIMENTO, 2015, p. 125). Conforme aponta Berman (1987) o que seria o padrão de planejamento ocidental desde o renascimento. Por conseguinte, o governador que intentou diligentemente cravar seu nome na história piauiense enquanto um engenheiro construtor arrogou para si, durante seu primeiro mandato (1971-1975), a responsabilidade de colocar o “estado nos trilhos do desenvolvimento” (FONTINELES, 2009, p. 139).

A cidade é palco de transformações, mudanças, construções, planos de intervenção com desejos de promover o desenvolvimento dos espaços urbanos. No

intento de tomar a cidade como um objeto histórico, surge a necessidade de captá-la em sua dinamicidade, passar a enxergá-la como um “*locus* da criatividade e das contradições” (NASCIMENTO, 2015, p. 125). Em períodos anteriores ao recorte fixado, a malha urbana de Teresina também havia sido objeto de reflexões, debates e modificações. Desde o projeto inicial do “Plano Saraiva”, passando pelas mudanças propostas por intelectuais, políticos e engenheiros como Luís Pires Chaves, ainda na década de 1940, até chegar a década de 1970 e ter na *persona* do governador Alberto Silva sua principal representação, o fio que atravessou as temporalidades e que aparentemente interligou esses sujeitos foi o desejo de adequar a cidade às necessidades da vida moderna.

Se durante a década de 1940 uma das principais preocupações do então Diretor de Obras do Estado, Raimundo de Arêa Leão, era com o serviço de distribuição de água a população, na década de 1970 o governador Alberto Silva, no intuito de integrar o Piauí as práticas desenvolvimentistas nacionais, participou de um convênio de adesão do governo do Estado do Piauí ao Plano Nacional de Saneamento - PLANASA. Essa cerimônia foi divulgada pelo jornal do Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*, na página do Diretor Econômico, no dia 12 de outubro de 1973:

PLANASA – Em decorrência do convênio de adesão do governo do Estado do Piauí, ao Plano Nacional de Saneamento – Planasa, foram assinados ontem, atos que integram o município de Parnaíba àquele Plano. A cerimônia, realizada na presença do Governador Alberto Tavares da Silva, foi presidida pelos Ministros Antônio Reis Velloso e Costa Cavalcanti, contando, ainda, com a presença do BNH, José do Rego Monteiro. O Plano Nacional de Saneamento permitirá até 1980 a execução de programas de abastecimento de água aos Estados Brasileiros, beneficiando cerca de 65 milhões de habitantes em todas as cidades do País, programas esses que totalizam até o momento 4,8 bilhões de cruzeiros (CORREIO DA MANHÃ, 12/10/1973, p. 6).

Cabe ressaltar que durante o mandato de Alberto Silva houvera, concomitantemente, diversos projetos que visavam a integração nacional, como o supracitado. O PLANASA visava resolver demandas relacionadas ao abastecimento de água a estados brasileiros que eram carentes nesse setor. O Piauí se encontrava nesse quadro. Esses projetos favoreceram o representante do poder executivo local na

construção de sua imagem como governador/engenheiro/construtor. Era de seu interesse que a principal marca de sua trajetória pública fosse sua atuação como engenheiro. Fontineles (2009) aponta que o governador adotou como forma de escrituração de si a autopromoção de seu caráter técnico, o que supostamente teria norteado o seu governo. A construção de grandes edifícios, avenidas, estradas, o estádio Albertão entre outras obras, punha em destaque os impactos e transformações experimentados no cotidiano da cidade.

A cidade de Teresina, portanto, tornou-se o palco privilegiado dos sonhos e desejos, mas também dos embates em relação aos caminhos trilhados pelo Piauí, sendo considerada a locomotiva do progresso que conduziria o Estado rumo à modernidade, como prometera outrora. Transportando os desejos, transportava também as frustrações deles advindas quando não conseguia saciá-los. Em sua condição de locomotiva exigiam-lhe que guiasse os caminhos do Estado e de sua história (FONTINELES, 2009, p. 140).

Na função de ser a locomotiva do progresso, Teresina foi transformada em cidade sensível, ou seja, “uma cidade imaginária construída pelo pensamento e que identifica, classifica e qualifica o traçado” (PESAVENTO, 2007. p.14). Para Fontineles (2009), essa cidade sensível era um palco privilegiado dos sonhos e dos desejos, como também das frustrações. Isso porque o processo modernizador não pôde ser recebido sem conflitos e contradições, visto que, esse ideal de embelezamento urbano, produzido, sobretudo pelos discursos de engenheiros, urbanistas, políticos e intelectuais, “tropeçava numa realidade configurada por ruas onde se enfileiravam casebres de pau-a-pique cobertos com palha de coco de babaçu” (NASCIMENTO, 2007. p. 196).

Retornando para a segunda fotografia (figura 1) situada no início do tópico, uma outra obra é colocada em destaque. A legenda afirmava que: “na estrada de Teresina, onde começa a Avenida Presidente Vargas, a prefeitura irá realizar obras de alargamento e urbanização”. A tarefa de construir estradas e avenidas, era parte de um plano maior de encurtar as distâncias,⁶ permitindo com que houvesse uma facilitação e ampliação de

6 Em outros momentos a prática de “encurtar distâncias” também é interpretado enquanto modernizadora. Ver mais: NASCIMENTO, 2015.

vínculos entre Teresina e os demais municípios piauienses. O jornalista acentua que: “Os trabalhos fazem parte do Plano do Governador Alberto Silva de embelezar Teresina e dar ao seu visitante uma boa impressão logo à chegada da capital piauiense” (O ESTADO, 18/08/1971, p. 5).

Duas imagens antagônicas são produzidas a partir do discurso do articulista. A primeira, uma Teresina esquecida pelo poder público durante décadas, que tinha uma imagem negativa do Piauí e que servia de anedota para os outros estados. Em contraste, havia uma cidade que estava mudando a sua feição e que representava uma “verdadeira locomotiva a rebocar 113 outros municípios piauienses” (O ESTADO, 18/08/1971, p. 5). De acordo com o editorial veiculado no periódico, essas imagens foram sendo reformuladas a partir das ações de um sujeito: “[...] governador Alberto Silva, o homem que compreendeu a importância de *Teresina* e que se dispôs a dar-lhe prioridade absoluta dentro do seu plano de governo” (O ESTADO, 18/08/1971, p. 5, *grifos do autor*).

Antes mesmo de assumir o governo, Alberto Tavares Silva argumentava sobre as obras que tentaria promover durante seu mandato. Em entrevista com o correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, o futuro governador oferecia indícios que demonstravam razoável entendimento sobre o clima socioeconômico desejado pelos militares na época. Em seis parágrafos publicados no OESP, Alberto Silva apontava que seu principal objetivo seria a “[...] eletrificação do Piauí, para inicialmente suprir as regiões mais promissoras do Estado, onde o governo federal aplicará recursos para irrigação e colonização” (O ESTADO DE S. PAULO, 11/08/1970, p. 5).

Dando continuidade à entrevista com o futuro governador, o articulista acentua uma das principais facetas do designado para gerir o Piauí: “Ex-superintendente da companhia de eletrificação do Ceará, sua intenção é dar um caráter técnico a sua administração, para isso aproveitando os técnicos do estado que estão servindo em outras regiões” (O ESTADO DE S. PAULO, 11/08/1970, p. 5). O texto do jornalista indica que a escolha de Alberto Silva estava em conformidade com a prática política do militar que chefiava o poder executivo nacional, Emílio Garrastazu Médici (1969-1974).

Sobre as obras relacionadas à integração nacional, o futuro governador indicou ao articulista que a construção da “Transamazônica será a ‘obra de capital importância para o desenvolvimento do País, para o Nordeste e o Piauí’ e que seu governo iria colaborar para sua concretização, ‘fornecendo energia, por exemplo’” (O ESTADO DE S. PAULO, 11/08/1970, p. 5). O discurso de Alberto Tavares Silva salientava que o Piauí desejava fazer parte da concretização dos desejos desenvolvimentistas propagandeados pelo governo federal.

A Teresina da década de 1970 é tomada enquanto um espaço urbano “articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campos de lutas” (CORRÊA, 1995, p. 11). Essa cidade passou e passa por constantes alterações, sendo ela própria decorrência de ações acumuladas através do tempo, um tipo de palimpsesto. Atos que são, conforme destaca Corrêa (1995), engendrados por figuras que produzem e consomem o espaço urbano, esses agentes sociais são concretos e seus atos só podem ser analisados tomando o contexto em que estão inseridos, pelo seu caráter complexo.

A complexidade das ações dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas de espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infraestrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade (CORRÊA, 1995, p. 11).

Alberto Tavares Silva, que havia sido escolhido para gerir o estado do Piauí, foi caracterizado enquanto um agente social capaz de pôr em prática os constantes processos de reorganização espacial. O íterim em que o governador tomou posse, coincide com um período em que a economia brasileira passava por mudanças. E o governo brasileiro da época, com o intuito de integrar a nação, criou inúmeros projetos de desenvolvimento nacional, o que favorecia um considerável número de investimentos, privilegiando regiões que estavam sob a responsabilidade da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

As mudanças econômicas desse período se referem, em grande medida, ao que Francisco Oliveira definiu como “polêmicas sobre o caráter modernizador e impulsionador do crescimento econômico das ditaduras latino-americanas no século XX” (OLIVEIRA, 2004, p.119). Ainda que não desejemos aprofundar as características dos modelos econômicos dos regimes, cabe destacar que as ditaduras na América Latina, incluindo o “milagre brasileiro”, tiveram um papel de destaque no crescimento econômico de seus respectivos países. No caso do Brasil, o regime militar usou da “repressão e coerção estatal no grau máximo, utilizando todas as formas de conversão de riqueza pública em capital” fazendo um exercício de estatização da economia, “ampliando o parque produtivo de propriedade estatal desde a Petrobras e Vale do Rio Doce para a Eletrobrás” (OLIVEIRA, 2004, p. 120).

A lógica do modelo posto em prática durante o regime civil-militar brasileiro passava, necessariamente, pela centralidade do papel do Estado na economia. Era imperativo, na visão dos ministros do regime, revigorar e ampliar as empresas estatais, para que pudessem funcionar “como uma base de lançamento de títulos e empréstimos no exterior”, em resumo: essa faceta centralizadora dos governos militares tinha como finalidade internacionalizar a economia brasileira, fazendo com que a acumulação de capital fosse irreversivelmente externa (OLIVEIRA, 2004). Esses fatores favorecem a compreensão das políticas desenvolvimentistas praticadas durante o regime. Os avultosos valores obtidos por via de empréstimos externos para a promoção de obras de integração nacional, amplo investimento em construções de rodovias, hidroelétricas, universidades, desejavam difundir a sensação que o Brasil estava na rota do desenvolvimento.

O Piauí, com especial destaque para sua capital, passou a experimentar desse fetiche moderno ou desenvolvimentista em voga no Brasil da época. No texto de comemoração dos 119 anos da cidade, o jornalista mencionado anteriormente afirmou que “Teresina encontrava-se no início de um novo e mais intenso surto desenvolvimentista”:

O progresso de Teresina, para ter sua rapidez dimensionada com maior clareza, deve, ao nosso entendimento, ser observada de pouco tempo até agora. Digamos: de dez ou quinze anos atrás até os dias atuais. Com efeito, no fim dos anos 50 e no começo da década de 60 a capital piauiense não contava com certas comodidades e sintomas de progresso, como, por exemplo, uma boa rede telefônica, aeroporto, e estação de passageiros modernos, vida noturna, praças e avenidas atraentes, e uma variedade razoável de clubes sociais. Água e energia elétrica abundantes eram igualmente desconhecidos, para não falar em asfalto e transportes interurbanos. Tudo o que aí está citado marca presença em Teresina, cujo aumento da população não se processou isoladamente: foi, como vem sendo, acompanhando de um desenvolvimento que se não é ideal parece aproximar-se, pelo menos agora, de um nível satisfatório. Expandiu-se a industrial, assim como o comércio. O crescimento vertiginoso da cidade nos dois ou três últimos lustros já lhe confere um aspecto legítimo de capital, ares de cidade viva, moderna, atualizada com o avanço tecnológico, que permite aos seus moradores até mesmo acompanhar as aventuras cósmicas do homem fenômeno insuspeito até bem pouco tempo atrás (O ESTADO, 18/08/1971, p. 5).

O articulista do jornal *O Estado* atestara que os sintomas de progresso eram vistos nas diferentes dimensões do cotidiano teresinense da década de 1970. O que antes não poderia ser contemplado no espaço urbano, como rede telefônica, aeroporto, água, energia, asfalto e transportes interurbanos, a partir do plano de governo, a capital teria acesso a esses que eram os “aspectos legítimos de capital, ares de cidade viva, moderna e atualizada”. Percebe-se, na prática discursiva do jornalista, um desejo de atribuir a Alberto Silva todas as transformações experienciadas pelos habitantes da capital.

Ao comemorar seu 119º aniversário, Teresina encontra-se no início de um novo e mais intenso surto desenvolvimentista, como se comprova pela rapidez com que estão sendo atacadas obras de elevada importância. Hoje, justificam-se mais do que nunca as esperanças do povo teresinense, esperanças que em tempos que já se foram, beiraram o esmorecimento e o desânimo, mas hoje empolga a todos a certeza de que o próximo aniversário da cidade a encontrara ainda mais desenvolvida, com uma nova face e habitada por um povo mais confiante e feliz (O ESTADO, 18/08/1971, p. 5).

A capital do Piauí seria palco de “múltiplas e variadas intervenções arquitetônicas” (NASCIMENTO, 2007. p. 1). O jornalista era enfático ao apontar que a capital locomotiva experimentava em sua malha urbana o mais intenso surto desenvolvimentista. Conforme o articulista, essas obras fizeram renascer as esperanças dos teresinenses, com indicações que a cidade continuaria a se desenvolver gradativamente. Outros periódicos da época

também tratavam com ênfase o crescimento de partes da cidade, destacando com frequência a força política do representante do poder executivo local.

Os discursos desenvolvimentistas se espalhavam por inúmeras reportagens veiculadas pelos jornais diários teresinenses. Da mesma maneira, regiões da cidade passavam a refletir o processo de modernização através de suas construções, abertura de avenidas, processos de asfaltamentos e pavimentações, não apenas em Teresina, como também em outros municípios do Estado. Os textos nos jornais veiculavam esses discursos oficiais, que elogiavam as ações do governo e tinham como intenção pôr em evidência essa modernização e progresso que o Piauí supostamente estava experimentando.

Para que se tenha uma ideia da sobrecarga - como pode se dizer - arrolada pela Secretaria de Obras Públicas dentro do esquema de plano e ação que bem caracteriza a nova dinâmica governamental do Piauí, damos aqui uma síntese do que se realizou e do que continua em ritmo de realização além das perspectivas que se somam ao árduo trabalho com a entrada de 1972. Para o governo Alberto Silva, o estágio de 1971 foi apenas o início de um grande trabalho que está programado para o Piauí (O DIA, 1,2 e 3/01/1972, p. 3).

Tomando por exemplo a atuação da Secretaria de Obras, que nos discursos veiculados pelo jornal tinha um papel atuante na construção de uma Teresina que se pretendia moderna, "pois foi escolhida como principal vitrine das ações governamentais nos dois mandatos de Alberto Tavares Silva na condição de governador do Estado do Piauí" (FONTINELES, 2009, p. 138-139), o articulista do jornal *O Dia* chegou a afirmar que a Secretaria de Obras Públicas estava sobrecarregada de tanto trabalho. O texto remete outra vez à figura de Alberto Silva enquanto o principal responsável pela nova dinâmica governamental experimentada no Piauí nos primeiros anos da década de 1970. Para concluir, o jornalista apontou que o ano de 1971 teria sido apenas um estágio para o então governador, já que os anos seguintes seriam de ainda "mais trabalho e desenvolvimento para o Piauí" (O DIA, 1,2 e 3/01/1972, p. 3).

Os redatores enalteciam a capacidade de gerência de Alberto Silva. "O Albertão em 18 meses, é a grande prova da capacidade de trabalho da Secretaria de Obras Públicas" (O DIA, 1,2 e 3/01/1972, p. 3). A construção do estádio que acabou levando o

nome do governador se tornou um dos marcos desse processo de modernização que a cidade estava vivenciando. Não só pela sua grandiloquência, como também pela rapidez em que foi construído. A figura 2, a seguir, apresenta a maquete do estádio e foi veiculada por um jornal de ampla circulação em meados dos anos 1971. Cerca de dois anos depois, um gigante de concreto foi levantado na capital e o Piauí passou desejar ainda mais participar dos campeonatos nacionais. Destaca-se que todos esses anos ainda estavam tomados pela euforia resultado da conquista do tricampeonato mundial pela seleção brasileira nos anos 1970, e o futebol foi um elemento utilizado para aplacar, ou disfarçar as contradições do período de chumbo da ditadura civil-militar no Brasil. Sobre a feitura e financiamento do estádio, Monte assinala contradições que são pertinentes para as análises aqui promovidas:

É perceptível, naquele contexto, que construções suntuosas como o estádio Albertão, com suas formas modernas e de uma arquitetura arrojada, visível, pela sua grandiosidade, de diversos pontos da cidade, eram tidas como ícones da modernidade, embora carregassem consigo os traços de um modernismo que emerge do atraso e do subdesenvolvimento. Na década de 1970, acentuou-se ainda mais a dependência financeira do Estado aos investimentos federais, tanto para a construção de obras quanto para o financiamento do déficit corrente, ou seja, a máquina administrativa. Na euforia desenvolvimentista, obras como o Albertão não foram financiadas pelo Governo federal, o qual foi construído com recursos do Estado, que não dispunha de finanças para tamanho empreendimento, desse modo, permanece sua construção, até os dias de hoje, inacabada (MONTE, 2010, p. 105).



FIGURA 2: Maquete do Estádio de Futebol Albertão.
Fonte: Jornal *O Estado*, 14 de agosto de 1971, p. 5.

A construção do estádio de futebol traz em si pontos pertinentes às análises aqui promovidas: a elaboração da imagem do governador Alberto Silva e o desejo de se autopromover enquanto um “técnico na política”. Grandes construções como o estádio levaram o seu nome. E isso o vinculou no imaginário político da cidade. Outro relevante aspecto era a maneira que esses acontecimentos eram retratados pela imprensa. O dispositivo imprensa funcionou como enunciador de certa vontade de verdade (FOUCAULT, 1996), que pode ser definida a partir da análise dos discursos elaborados por sujeitos que se encontravam integrados a lugares de poder simbólico, o que os permitia legitimar certas versões dos acontecimentos do cotidiano.

Considerações Finais

O extrato temporal que esse texto buscou se debruçar é repleto de desejos e práticas que se interligam em um enredo variado, com diferentes personagens. Uma trama na qual um dos fios que tomamos para compreender partes desse enredo é a cidade. O espaço urbano subjetivo que era desejado, imaginado, produzido discursivamente por jornalistas, engenheiros e políticos, com êxito variado. A *cidade latino-americana* é aqui pensada em conexão com o Estado, sendo palco da tensa convivência entre as representações e a realidade. A Teresina da década de 1970 foi se constituindo dentro do cenário desenvolvimentista em que o Brasil estava inserido durante a ditadura militar vigente no país, como um espaço de aplicação das agendas que sonhavam com uma modernidade tardia. A cidade também era como um motor das mudanças políticas e sociais experienciadas pelo Piauí entre finais da década de 1960 a 1975, sendo este o ano do final do primeiro mandato do governador Alberto Tavares Silva.

A figura do governador é considerada outro importante fio dentro da trama. Alberto Silva tornou-se sinônimo do empreendedorismo experimentado pelos piauienses

durante seu mandato entre anos de 1971-1975. Escolhido pelo seu caráter técnico, o “modernizador do Piauí” se utilizou politicamente da faceta de engenheiro para gravar seu nome nos anais da história recente da política piauiense. “O engenheiro na política ganhou visibilidade e passou a ser um atributo reivindicado por ele após décadas de atuação efetiva nos cenários políticos piauiense e nacional” (FONTINELES, 2016, p. 124).

Outro fio que precisa ser levado em conta na fabricação dessa trama histórica é a imprensa. Os discursos produzidos e veiculados por meio dos jornais da época, auxiliam, em nosso entendimento, de maneira decisiva na construção de uma cidade imaginária. O imaginário é conceituado por Sandra Jatahy Pesavento (2007), como um motor da ação humana, um agente fundamental na atribuição de significados a realidade. Aquela cidade palco do progresso, da modernidade e do desenvolvimento que era veiculada nos periódicos seja do Piauí ou do Rio de Janeiro ou São Paulo condiziam com as cidades reais, visuais, concretas e tácteis? Pesavento alerta sobre o poder dessas cidades que são frutos do pensamento:

[...] trata-se de buscar essa cidade que é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, urbes que são capazes de se apresentarem mais ‘reais’ à percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto (PESAVENTO, 2007, p. 14).

As cidades publicizadas nos periódicos foram capazes de se apresentar de forma mais “real” do que seu referente urbano material? Possivelmente para uma elite que desejava a tão sonhada modernidade. O progresso e o desenvolvimento colidiram com a crueza da realidade de pobreza experimentada pelas maiores parcelas da população piauiense. Os ideais econômicos imaginados e propagandeados pelos governos autoritários do regime militar levaram à “concentração de riqueza e do capital, amplificando o padrão desigualitário de distribuição de renda” (OLIVEIRA, 2004, p. 123).

Analisar os processos de modernização nas cidades e o ideal desenvolvimentista em voga no país pós-década de 1960 é relevante para promover uma compreensão fragmentada sobre as conjunturas políticas, econômicas e sociais através da cidade. Objeto que é ao mesmo tempo real e imaginário. O fantasma moderno presente no

continente americano desde o violento processo de colonização promovido pelos europeus, ainda reverbera enquanto uma espécie de colonialidade de poder e saber, para citar Aníbal Quijano (2005). Isso, presumivelmente, aponta para os desejos das classes políticas dirigentes e intelectuais de nosso continente que acabaram por proporcionar processos como os que foram estudados neste texto.

Fontes:

Arquivo Público do Piauí. Teresina 119 anos depois. *O ESTADO*, 18/08/1971, p. 5.

Acervo Digital do OESP. Mais energia para o Piauí. *O Estado de São Paulo*. 11/08/1970, p. 5

Arquivo Público do Piauí. Maquete do Estádio de Futebol Albertão. *O Estado*, 14/08/1971, p. 5.

Arquivo Público do Piauí. DER aceita o desafio de e começa a asfaltar o Piauí. *O DIA*, 1,2 e 3/01/1972, p. 3.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro. ABREU, Alzira Alves. *SUDAM*. Verbete Temático. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo>> acessado em 20 dez. 2018.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro. MASCARENHAS, Lícia. NETO, Sydenham Lourenço. *SUDENE*. Verbete Temático. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo>> acessado em 20 dez. 2018.

Hemeroteca Nacional. PLANASA. *CORREIO DA MANHÃ*, 12/10/1973, p. 6.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Introdução – Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção. In: _____. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Curitiba: Prismas, 2017, p. 19-39.

- BEBARIDA, François. Tempo presente e presença da História. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 219-229.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 215-218.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, 2007, n. 35, p. 253-270.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Editora Ática, 1995. 3ª Ed.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.) *História do Tempo Presente*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. 2.ed., 1ª reimpressão, p. 111-154.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *O Recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Tese (Doutorado em História), Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- _____. Um engenheiro na e da política: projeções de si e ressonâncias na história. *MÉTIS: história & cultura*, 2016, v. 15, n. 30, p. 111-127.
- GORELIK, Adrián. A produção da "cidade latino-americana". *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, 2005, v. 17, n. 1, p. 111-133.
- LIMA, Nísia Trindade, VIEIRA, Tamara Rangel. Brasília: una ciudad modernista en el sertón. IN: GORELIK, Adrián; PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs.) *Ciudades sudamericanas como arenas culturales*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editora, 2016.
- LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia*. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2010.

MONTE, Regianny Lima. A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, UFPI-PPGHB, Teresina, 2010.

NASCIMENTO, Francisco de Alcides. *A cidade sob o fogo: modernização e violência em Teresina (1937-1945)*. Teresina: EDUFPI, 2015. 2 ed.

_____. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, 2007, v. 27, n. 53, p. 195-215.

OLIVEIRA, Francisco. Ditadura militar e crescimento econômico: a redundância autoritária. IN: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (orgs.). *O Golpe Militar e a Ditadura: 40 anos depois (1964 - 2004)*. Bauru: Edusc, 2004, p. 117-124.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, 2007, vol. 27, n. 53, p. 11-23.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. IN: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección SurSur. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 1º ed.

SPINK, Mary Jane P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Foucault revoluciona a história. Brasília: UnB, 1995.